

**O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA NO CONTEXTO DA CULTURA DIGITAL:  
NARRATIVAS DOCENTES SOBRE PRÁTICAS EDUCATIVAS COM  
MULTILETRAMENTOS**

***LA ENSEÑANZA DE LA LENGUA PORTUGUESA EN EL CONTEXTO DE LA  
CULTURA DIGITAL: NARRATIVAS DOCENTES SOBRE PRÁCTICAS EDUCATIVAS  
CON MULTILETRMIENTOS***

***TEACHING THE PORTUGUESE LANGUAGE IN THE CONTEXT OF DIGITAL  
CULTURE: TEACHERS' NARRATIVES ABOUT EDUCATIONAL PRACTICES WITH  
MULTILITERACIES***



Eduardo FOFONCA<sup>1</sup>  
e-mail: eduardofofonca@gmail.com



Marilene Santana dos Santos GARCIA<sup>2</sup>  
e-mail: marilenegarc@uol.com.br



Andrea Barbosa Gomes PEREIRA<sup>3</sup>  
e-mail: andreabgpereira@gmail.com

**Como referenciar este artigo:**

FOFONCA, E.; GARCIA, M. S. S.; PEREIRA, A. B. G. O ensino de Língua Portuguesa no contexto da cultura digital: Narrativas docentes sobre práticas educativas com multiletramentos. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 19, n. 00, e023084, 2023. e-ISSN: 1982-5587. DOI: <https://doi.org/10.21723/riace.v18iesp.1.18509>



- | Submetido em: 22/03/2023
- | Revisões requeridas em: 15/05/2023
- | Aprovado em: 29/07/2023
- | Publicado em: 19/09/2023

**Editor:** Prof. Dr. José Luís Bizelli

**Editor Adjunto Executivo:** Prof. Dr. José Anderson Santos Cruz

<sup>1</sup> Universidade Tuiuti do Paraná (UTP), Curitiba – PR – Brasil. Professor Adjunto do Programa de Pós-graduação em Educação na Universidade Tuiuti do Paraná. Doutor em Educação, Arte e História da Cultura (UPM).

<sup>2</sup> Universidade Logos (UNILOGOS), Miami – FL – Estados Unidos da América. Professora visitante e pesquisadora do Programa de Pós-graduação em Educação (UniLogos, FL, EUA). Realiza, desde 2022, uma pesquisa de pós-doutoramento na Universidade Aberta, UA – PT.

<sup>3</sup> Prefeitura de Praia Grande (SE), Praia Grande – SP – Brasil. Mestre em Educação (UniLogos) com diploma reconhecido pelo Programa de Pós-graduação da Unimes, SP, Brasil. Recebeu o título Summa Cum Laude pelo conselho acadêmico da UniLogos. É professora da Rede Municipal de Ensino da Prefeitura da Estância Balneária de Praia Grande, SP, Brasil.

**RESUMO:** Este artigo analisa as práticas educativas utilizadas por professoras de Língua Portuguesa, mais especificamente relacionadas sobre as práticas de multiletramentos, abrangendo a cultura digital nos processos educativos. A metodologia abrangeu revisão bibliográfica de estudos que tratam das perspectivas dos multiletramentos e da cultura digital. Como instrumento de coleta de dados, foram realizados cinco encontros virtuais, com quatro professoras de Língua Portuguesa, que atuam em redes públicas estaduais de ensino no estado de São Paulo, com o objetivo de realizar o processo de escuta de suas narrativas sobre suas experiências com multiletramentos. Os resultados apontaram que a escola, com base nessas escutas de relatos de professores, precisa reavaliar seus processos pedagógicos no ensino de Língua Portuguesa, incluindo suas novas demandas sociais, que interferem nas linguagens e, sobretudo, nas práticas educativas e sociais.

**PALAVRAS-CHAVE:** Multiletramentos. Cultura digital. Narrativas docentes.

**RESUMEN:** Este artículo analiza las prácticas educativas utilizadas por los profesores de lengua portuguesa, más específicamente relacionadas con las prácticas de multiletramientos, integrando la cultura digital en los procesos educativos. La metodología incluyó una revisión bibliográfica de estudios que abordan las perspectivas de los multiletramientos y la cultura digital. Como instrumento de recolección de datos, se realizaron cinco encuentros virtuales con cuatro profesores de lengua portuguesa, que actúan en redes estatales de educación pública en el Estado de São Paulo, con el objetivo de realizar el proceso de escucha de sus narrativas sobre sus experiencias con multiletramientos. Los resultados mostraron que la escuela, a partir de la escucha de los relatos de los profesores, necesita reevaluar sus procesos pedagógicos en la enseñanza del portugués, incluyendo sus nuevas demandas sociales, que interfieren en los idiomas y, sobre todo, en las prácticas educativas y sociales.

**PALABRAS CLAVE:** Multialfabetizaciones. Cultura digital. Narrativas didácticas.

**ABSTRACT:** This article analyzes the educational practices used by Portuguese language teachers, more specifically related to multiliteracy practices and encompassing digital culture in educational processes. The research methodology included a bibliographical review of studies that deal with the perspectives of multiliteracies, languages, and digital culture. As a data collection instrument, five virtual meetings were held with four Portuguese Language teachers, who work in state public schools in the State of São Paulo, with the aim of carrying out the process of listening to their narratives about their experiences with multiliteracies. The results showed that the school, based on listening to teachers' reports, needs to reassess its pedagogical processes in teaching Portuguese, including its new social demands, which interfere with languages and, above all, with educational and social practices.

**KEYWORDS:** Multiliteracies. Digital culture. Teachers' narratives.

## Introdução

O presente artigo reflete sobre as contribuições das tecnologias digitais de informação e comunicação (TDIC) para os processos de ensino e aprendizagem, destacando a ressignificação do papel da docência diante das potencialidades e dos desafios existentes no contexto de integração da cultura digital ao cotidiano escolar. O contexto do estudo apresentado, de forma mais específica, são as aulas de Língua Portuguesa, nos Anos Finais do Ensino Fundamental, em escolas públicas da região da Baixada Santista/SP. Para tanto, desenvolve-se uma abordagem qualitativa, que abarcou a revisão bibliográfica e a análise das narrativas de docentes sobre suas práticas educativas no contexto da cultura digital e, em especial, dos multiletramentos.

As narrativas de docentes têm sido um recurso significativo de pesquisa, importante para se aproximar da realidade do cotidiano escolar. Há muitas mudanças que são perceptíveis pelo olhar dos professores em prática e elas precisam ser levantadas para que conduzam a novos estudos e reflexões. Gatti (2013, p. 53) menciona esse contexto de mudança: “a exigência social posta contemporaneamente é de um novo paradigma em educação”. Nessa mesma direção, Brito e Fofonca (2018) salientam que tal mudança corrobora inúmeras possibilidades de aplicação de novas práticas metodológicas, principalmente a partir da apropriação e da integração das TDIC nos processos educativos contemporâneos.

Quanto ao foco de pesquisa que aborda essas mudanças, cabe resgatar o pensamento de Freire, quando afirma que é necessário pesquisar para ensinar, pois “não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Esses fazeres se encontram um no corpo do outro. Enquanto ensino, continuo buscando, reprocurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago” (FREIRE, 1996, p. 29).

## A cultura digital na sociedade contemporânea

O termo cultura digital vem sendo construído e reconstruído e, dessa forma, sua concepção pode assumir significados diversos de acordo com posicionamentos sociais, comportamentais e ideológicos. Sendo a cultura digital a cultura de rede que compreende as relações entre a sociedade contemporânea e as tecnologias digitais, para esclarecer a concepção de cultura digital revisita-se Pierre Lévy, que concebe a cultura digital a partir da publicação de “A Máquina Universo” (LÉVY, 1987). Assim, segundo Lévy (1999, p. 17)

Este é um tema polêmico e multifacetado em que culturas nacionais se fundem a uma cultura globalizada e cibernética, envoltas no ciberespaço e orientadas por três princípios: interconexão, comunidades virtuais e inteligência coletiva. Trata-se de um “conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço.

Pode-se dizer que a cultura digital vem construindo novos valores nas relações e ações interpessoais. Essa reconstrução não é sentida pelas gerações que crescem em meio a essa avalanche tecnológica – os nativos digitais –, contudo, é bastante notada pelas gerações anteriores, que muitas vezes, percebem-se ultrapassadas em relação aos mais jovens e aos alunos.

Na sociedade contemporânea, no entanto, surgem as Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDIC), que trouxeram e ainda trazem mudanças significativas para a vida coletiva em sociedade, alterando o modo de vida e como as relações cotidianas se desenvolvem, criando um novo paradigma social: o acesso rápido à informação. Esse fato corroborou para a criação da cultura digital.

Esses recursos estão presentes na vida cotidiana das pessoas, muitas vezes de modo imperceptível, em outras nem tanto. Estão na mobilidade da telefonia, na automação de ações rotineiras como compras no mercado ou serviços bancários, na interação de redes sociais, nos sistemas de gás, água e luz etc. De forma crescente, rápida e contínua, foram se expandindo e aumentando sua influência nos meios em que se fazem presentes, além de buscar novos caminhos para a sua futura expansão.

### **Leitura, escrita e multiletramentos na escola**

A inserção social das tecnologias digitais, no contexto social, ocorre com a mesma intensidade com que elas se disponibilizam, são integradas e descartadas pouco tempo mais tarde, substituídas por um artefato mais novo, poderoso ou inovador. Atualmente, é difícil imaginar um novo sistema de comunicação que não dependa de nenhum dos braços do campo das tecnologias digitais. Elas agem e influenciam o modo pelo qual se constrói o conhecimento, sendo atualmente mais do que um suporte, pois interferem no modo de pensar, sentir e agir do sujeito (PORTO, 2013).

Isso significa que a forma pela qual as pessoas se relacionam e adquirem conhecimentos estão intimamente ligadas às tecnologias com as quais elas têm acesso em suas vidas. Ou seja, quanto mais recursos o indivíduo tiver ao seu alcance, a possibilidade de contato com o

conhecimento será maior e mais abrangente. Na mesma medida, quem não tem acesso aos dispositivos ou tecnologias digitais no seu cotidiano, tem o potencial de contato e aprendizagem comprometidos e/ou reduzidos.

Portanto, a informação passa a ser uma mercadoria em circulação neste momento social tecnológico e requer um mínimo de conhecimento formal para que sejam consumidas pelas pessoas. Contudo, esse é um processo que carece de certa fluência digital por parte desse sujeito ao lidar com o tratamento dessas informações absorvidas de plataformas diversas. No contexto da leitura e da escrita, as TDIC rompem com as narrativas repetidas e circulares da oralidade e com a escrita sequencial e contínua dos textos contemporâneos. Elas modificam de forma considerável e expressiva a leitura e a busca por conhecimentos e informações, mudando não somente as formas de acesso à informação, mas também a cultura e o próprio entretenimento.

Nesse sentido, Rojo (2012) ressalta que os textos contemporâneos impõem novos desafios aos letramentos para serem significados pelo leitor. Uma significação que vai além do letramento para a necessidade de se trabalhar e envolver os multiletramentos não só para interpretar o sentido dos textos, mas também para produzir conteúdo a partir deles. Assim, a própria leitura e a escrita se transformam nesse processo porque o leitor também atua como produtor de conhecimento.

Assim, o conceito de letramento foi amplamente difundido no Brasil a partir da década de 1990. Esse termo define como “estado ou condição de quem não apenas sabe ler e escrever, mas cultiva e exerce as práticas que usam a escrita” (SOARES, 2016, p. 47). O verbo cultivar denota a dedicação a atividades de leitura e escrita e o verbo exercer se refere à resposta do sujeito às demandas sociais de leitura e escrita. Dessa forma, ler e escrever nessa premissa são condições primárias e primordiais, mas não únicas, para o indivíduo interagir socialmente. O que significa que mesmo sem ler e escrever ele pode conviver na sociedade ou em algum meio letrado. Contudo, sua capacidade de interação e ação nesse contexto ficam reduzidas e o próprio exercício da sua cidadania comprometido diante de certas circunstâncias.

O uso do vocábulo Letramento foi registrado pela primeira vez por Mary Kato (1986), que o utilizou para evidenciar condições de ordem psicolinguística vinculadas na aprendizagem da linguagem, com foco na aprendizagem escolar por parte de crianças. Mais tarde, Leda Tfouni (1988) determina um significado para o termo voltado para as práticas sociais de leitura e de escrita e nas mudanças por elas ocasionadas em uma sociedade quando esta se torna letrada. O termo letramento se origina do inglês *literacy*, que por sua vez vem do latim *litera* (letra),

acrescentado do sufixo - cy, que exprime condição, qualidade, estado ou fato de ser (SOARES, 2016).

Os multiletramentos possuem outras características marcantes e fundamentais: são interativos e colaborativos, transgridem as relações de poder, inclusive as de propriedade. Isto é, tudo é de todos: ideias, ferramentas, textos, marcados pela fusão de linguagens na criação de novos elementos. Além disso, são fronteiriços e mestiços (ROJO, 2012). Um exemplo que retrata a questão da transgressão de propriedade são os aplicativos de celulares (smartphones). Planejados e criados com as mais variadas finalidades, são disponibilizados – em grande parte gratuitamente – para quem quiser “baixar” e utilizar. Existe uma infinidade deles nas lojas eletrônicas ao alcance de um *click*. A partir do momento em que algo é compartilhado no campo digital, seja um aplicativo, uma ideia, um projeto ou qualquer outro dado, está sujeito a ser apropriado por terceiros.

Contudo, para que isso seja possível, é necessário que eles sejam analistas críticos, com capacidades de modificar discursos e significações na recepção ou na produção. Por isso, não basta ao aluno selecionar e reter conteúdo, é necessário compreendê-lo e criar novos tópicos e dados a partir dele, trabalhando no processo a criatividade e criticidade.

Já Fofonca (2015) defende a Pedagogia dos Multiletramentos como um campo interdisciplinar, que integra a forma crítica de práticas intertextuais e multimodais, indo além somente da Linguística Aplicada ou da Educação Linguística. Um processo que vislumbra uma nova prática, que visa a reflexão sobre a textualidade na prática educativa.

Na mesma perspectiva, Kaelle e Fofonca (2021) apresentam inúmeras possibilidades de trabalho com os multiletramentos nos processos educativos, que vão além do simples uso da ferramenta para aprofundar diversas facetas de aprendizagem. Processos que tem por objetivo a atuação pedagógica prevista na Base Nacional Comum Curricular (2018) para o letramento crítico.

Observa-se um universo de novas trilhas a serem exploradas com textualidades diversificadas, tais como *blogs*, *videologs*, *podcasts*, *games*, animações, além, é claro, das diversas redes sociais, como Facebook, Instagram, Tumblr, Twitter, entre outras. Além disso, os *podcasts* são a evolução dos programas de rádio, podendo ser gravados e editados posteriormente. O campo de *games* expande-se e é uma realidade no contexto social de muitas crianças e adolescentes, podendo contribuir sobremaneira em atividades coletivas de aprendizagem.



Percebe-se, assim, as TDIC como grandes aliadas nesse processo, uma vez que os textos contemporâneos são multissemióticos, apresentando imagem, movimento, áudio etc. E os gêneros do ambiente digital são inúmeros e necessitam de letramentos variados para lidar com cada um deles: para se tornar um leitor crítico e um produtor desses textos, faz-se necessário conhecer como cada gênero é produzido. Nessa direção, o trabalho colaborativo entre alunos e professores pode contribuir significativamente para uma pedagogia protagonista.

### Metodologia da pesquisa

Na direção do objeto do estudo, foi realizada uma investigação estruturada em dois núcleos temáticos: (1) leitura, escrita e multiletramentos na escola e as transformações no papel do professor no contexto da cultura digital e (2) a abrangência da leitura da escrita e do letramento para o exercício da cidadania. No quadro a seguir delineia-se o estudo de natureza qualitativa, baseado em Creswell (2014). Assim, a pesquisa desenvolveu-se por meio de dois principais instrumentos metodológicos, denominados “caminhos da pesquisa”:

**Quadro 1 – Caminhos da Pesquisa**

<b>Primeiro Caminho da Pesquisa</b>	- Caracterização do contexto; - Sujeitos da pesquisa: educadoras de Língua Portuguesa	- Descrição da região onde as escolas estão localizadas e das Unidades Escolares onde as educadoras participantes da investigação trabalharam no ano de 2020. - Apresentação do perfil dos sujeitos da pesquisa: especificação das quatro educadoras que contribuíram para a realização deste trabalho.
<b>Segundo Caminho da Pesquisa</b>	- Caracterização: pesquisa narrativa; - As narrativas digitais docentes.	- Considerações sobre as narrativas das educadoras de Língua Portuguesa. - As percepções e expectativas das educadoras.

Fonte: Elaboração dos autores (2021)

### As escolas como lócus da pesquisa

A pesquisa abrangeu docentes de escolas da rede pública municipal e estadual da região da Baixada Santista, no litoral do estado de São Paulo. As histórias narradas por elas estão inseridas, no ano de 2020, em escolas públicas localizadas nas cidades de Cubatão, Praia Grande, Santos e São Vicente.

– UE 01: escola municipal, localizada na cidade de Praia Grande, em um bairro periférico. Possui 13 salas de aula equipadas com ventiladores e 01 lousa digital sem acesso

à internet; 01 pátio coberto, 01 sala de professores com banheiros; 01 cozinha com refeitório, 01 sala de informática equipada com 01 lousa digital com acesso à internet, 01 computador *desktop*, banda larga, 53 equipamentos entre tablets e netbooks para uso dos alunos; 01 sala multimeios com jogos para alfabetização em Português e Matemática, materiais para uso nas aulas de Ciências, materiais adaptados para reforço escolar com alunos que apresentam dificuldades de aprendizagem e alunos de inclusão e também um espaço para palestras e formação; 01 biblioteca com espaço para leitura; 01 quadra de esportes coberta com vestiários feminino e masculino equipados com chuveiros e mezanino com jogos específicos e cooperativos para Educação Física.

– UE 02: escola municipal, situada em um bairro periférico, localizado na Área Continental do município de São Vicente. A escola possui 01 laboratório de informática com 14 computadores e banda larga, no entanto, tais equipamentos não se encontram em condições de uso pelos estudantes; 01 quadra de esportes coberta; não possui biblioteca, nem sala de leitura, nem sala de atendimento especial.

– UE 03: escola municipal, situada em um bairro periférico na cidade de Santos, possui 01 sala nomeada estudeoteca tecnológica, equipada com notebook e 01 lousa digital com acesso à internet, possui também 81 computadores com banda larga para uso dos alunos; 01 biblioteca; 01 quadra de esporte.

– UE 04: escola municipal, situada em um bairro central no município de São Vicente, com público bastante diversificado, pois é composto por alunos do próprio bairro, por alunos da Área Continental que fica na periferia da cidade e também por alunos de bairros considerados nobres na cidade. A escola possui 01 sala de informática com 17 computadores sem banda larga; não possui biblioteca, nem sala de leitura.

– UE 05: escola estadual, localizada no município de Cubatão, em um bairro central. A escola possui 13 salas de aula, mas uma está desativada por questões estruturais, 01 sala auditório; possui 859 alunos matriculados nos anos iniciais e finais do Ensino Fundamental, nos períodos da manhã e tarde; 01 sala de professores com um computador com acesso à internet para uso dos professores, 01 biblioteca e 01 sala de leitura; 01 sala de recursos multifuncionais para atendimento educacional especializado (AEE); não possui laboratório de informática, nem acesso à internet para os alunos, possui 02 pátios, um menor para uso do ciclo 1 e um maior que foi adaptado para ser utilizado também como quadra de esportes pelo ciclo 2.

– UE 06: escola municipal, localizada em um bairro periférico na Área Continental,



no município de São Vicente. A equipe gestora é composta por 01 diretora, 01 assistente de direção e 02 coordenadoras pedagógicas. A unidade escolar possui 1448 alunos nos anos iniciais e finais do Ensino Fundamental, divididos nos horários da manhã, intermediário e vespertino; 01 laboratório de informática com banda larga e 30 computadores para uso dos alunos, contudo, esse espaço não tem condições de ser utilizado devido ao sinal de internet não ter alcance suficiente e também pelos danos causados com chuvas e inundações no local; 01 sala de professores; 01 biblioteca; 01 quadra de esportes descoberta.

### As educadoras na pesquisa

O quadro 2 apresenta o perfil das educadoras que produziram os relatos.

**Quadro 2** – Síntese de caracterização das educadoras selecionadas

EDUCADORAS	IDADE	INSTITUIÇÃO	MUNICÍPIO/ESCOLA(S) ONDE TRABALHA	HORAS/AULAS SEMANAIS TRABALHADAS EM 2020
Educadora I	48 anos	Pública	Praia Grande – UE 01	30 horas
Educadora II	33 anos	Privada	São Vicente – UE 02	26 horas
			Santos – UE 03	17 horas
Educadora III	39 anos	Privada	São Vicente – UE 04	56 horas
Educadora IV	41 anos	Privada	Cubatão – UE 05	16 horas
			São Vicente – UE 06	20 horas

Fonte: Elaboração do autor

### Dados e discussão

A análise das narrativas docentes partiu da premissa: como ocorre o ensino de Língua Portuguesa nos Anos Finais do Ensino Fundamental, considerando a cultura digital e os multiletramentos nos processos de ensino e aprendizagem? Para tanto, foi apresentado um mote disparador: “a influência da cultura digital nas práticas de Língua Portuguesa”. Então, as narrativas ocorreram em torno dos impactos ocasionados pelas tecnologias digitais e pelos letramentos digitais no dia a dia da sala de aula, como é possível observar nos trechos a seguir:

Educadora I (UE – 01)

Hoje as TDIC, em razão da pandemia, são as ferramentas que possibilitam ter aulas/encontrar com os alunos. Mas, anteriormente, os vídeos e documentários já eram parte da minha rotina como forma de aproximar os alunos dos estudos de linguagem de uma forma menos teórica e mais prática. Também utilizei as TDIC para conquistar os alunos para a produção textual, na elaboração de textos para um jornal escolar.

Educadora II (UE – 02; UE – 03)

Muito importante nos dias atuais.

Educadora III (UE – 04)

Através do número de smartphones que os alunos têm e o uso que se pode fazer disso.

Educadora IV (UE – 05; UE – 06)

Em sala de aula, usar recursos midiáticos é uma ferramenta facilitadora e ágil quanto à gestão do tempo.

Ao refletir acerca das narrativas das docentes, com a percepção destes sujeitos da pesquisa, e acerca da influência das TDIC nas práticas de Língua Portuguesa, todas as educadoras notaram algum impacto trazido pelas tecnologias digitais e as percebem como potenciais aliadas nos processos de ensino e aprendizagem, ou seja, como facilitadoras nas aulas de Língua Portuguesa. Contudo, apenas a Educadora I relatou, durante esse momento da fala, uma prática educativa realizada a partir da integração das TDIC às aulas.

Na perspectiva da Pedagogia do Multiletramentos, as educadoras fizeram as seguintes considerações sobre o desenvolvimento das práticas educativas nas práticas de Língua Portuguesa:

Educadora I (UE-01)

Tecnologia enquanto cultura digital é necessário que a gente abarque isso? É, porque o mundo que as nossas crianças vivem hoje é completamente diferente do mundo que nós vivíamos quando éramos alunos. Então eu acho que a tecnologia precisa estar dentro da escola. Sem ela o aluno não aprende? Não, não é verdade. A gente pode desenvolver linguagens sem usar um computador? Claro, claro que sim porque a gente precisa pensar em linguagem em

termo do desenvolvimento dele como conhecimento. Mas inserir ele para o mundo que ele vive hoje não dá para ignorar rede social, o uso do celular, não dá para ignorar muita coisa. (...) Acontece que a tecnologia faz uma diferença que as vezes estimula a tal ponto o aluno que você pega ele numa situação em que ele tem lápis, caneta e caderno e numa situação em que ele usa um tablet, um computador ou um celular e muda de figura completamente. E isso pode incluir alunos que estão em situação de inclusão porque eu tive uma aluna que não escrevia as letras, ela não tinha o domínio motor para escrever, mas ela reconhecia. Aí em uma aula que a gente usou o laboratório de informática ela escreveu no computador o nome dela, colocou algumas coisas no computador que ela não fazia manualmente. Então a tecnologia, muitas vezes, vai fazer essa ponte. (...) ela pode ser usada como uma forma de estimular o aluno. Eu gosto muito de tecnologia. (...) eu comecei a trabalhar com os alunos um jornal usando computadores. Em Praia Grande temos um instrumental diferenciado, se comparado a muitas redes. Com todas as dificuldades que se tem, mesmo assim nós temos uma estrutura de escola boa, não é a ideal, mas temos uma lousa digital, tem a questão dos computadores que é possível utilizar e durante três anos eu consegui fazer o jornal com eles usando os computadores (...) A multilinguagem é muito interessante e pode ser utilizada como uma forma de estimular os alunos. Uma coisa que eu pensei agora é a questão do celular em sala de aula. Eles eram proibidos, eram banidos literalmente. Com a pandemia, o celular foi a grande ferramenta de trabalho. Então eu acho que pós pandemia o celular nunca mais vai poder ser banido da sala de aula. Então nesse viés, ele também vai entrar na sala de aula com seu aspecto tecnológico e vai ser uma coisa muito discutida eu acho.

#### Educadora II (UE – 02; UE – 03)

A escola que eu trabalho em Santos (UE – 03) não tem nada. Eles chamam de estudioteca. Estão montando uma estrutura para ser usada no ano que vem eu acho. Em São Vicente, na UE – 02, a sala de informática virou um depósito porque não tinha lugar pra nada. A escola é muito pequena. Eu comecei a usar no ano passado, antes da pandemia, o Classroom, mas aí veio a pandemia e eu parei. Estou tentando fazer uso de outras ferramentas digitais para facilitar a interação enquanto a gente está no remoto e pretendo continuar a usar depois, como os formulários do Google, porque isso facilita não só na questão do multiletramento, mas com a nossa prática mesmo de não ter tanto papel para carregar e a gente faz com que eles acabem aprendendo e a gente vai ter que ensinar em algum momento os alunos a lidarem com as tecnologias. (...) No mais, é difícil usar outros letramentos dentro da sala de aula, talvez usar

um vídeo, um som, mas isso usava quando eu trabalhava na escola particular, na prefeitura é mais difícil porque nunca tem nenhum equipamento, nunca tem internet, nunca tem nada, mas eu tento levar, se não for possível para a sala de aula, como lição de casa pra ajudar em tudo.

#### Educadora III (UE – 04)

A forma que eu trabalho com o compartilhamento é via bluetooth, foi o meio, foi a única saída porque a minha escola não tinha biblioteca, na verdade nós não temos. Internet não tem nem para o professor. Eu gosto de trabalhar com tecnologias porque elas facilitam. Comecei há muitos anos, em 2011, porque estava acontecendo um problema na sala de aula, o uso do celular. Então pensei num projeto de leitura digital. Que surgiu através da conscientização. (...) Eu sei que eu fui trabalhando em todas as escolas que eu passei da maneira que eu conseguia. (...) nós professores nos viramos nos 30, então eu me virava nos 30 com a tecnologia. Se a minha escola não me dá internet, então eu tenho que pensar em outra maneira. O que eu posso fazer? Então às vezes eu não dormia pensando “o que eu posso levar?”. Eu não tenho a internet, não tenho o que é essencial (...). E aí surgiu o compartilhamento via Bluetooth. Então eu compartilhava os livros via bluetooth na sala. Então eu pedia para diretora abrir, abrir uma exceção para o uso do celular na escola. (...) eu amo o uso da tecnologia, mas com muita consciência, nós guiamos os alunos. Hoje, por conta da pandemia, eu sou a favor de trabalhar de um jeito que mostre pra eles que é preciso usar as tecnologias com consciência para que isso não gere outras doenças. (...) Precisa usar? Precisa. É um caminho sem volta? É um caminho sem volta. Mas precisa dosar. E ainda mais esses meninos que estão em formação, em formação de caráter etc. Então não podemos nos descuidar disso, da conscientização. Por isso que nós trabalhamos muito *fake news*, discurso de ódio etc.

#### Educadora IV (UE – 05; UE – 06)

Eu acho que a tecnologia é primordial. A tecnologia pode ser considerada essencial para ajudar o aluno. (...) A tecnologia não precisa ser atrelada ao eletrônico, celular, computador... Para mim, é tudo que possa ser usado como inovação na aula pra auxiliar de uma determinada maneira. Mas para aula de hoje em dia, pra ficar interessante é bom usar algo eletrônico, nem que seja um Power Point. (...) Nas aulas utilizo os livros didáticos, uso pouco de recurso de fotocópia; atividades em grupo/dupla para que os alunos pesquisem sobre temas contemporâneos ou não, e explanem suas ideias. Quando possível compartilho o sinal da internet para utilizarmos nas aulas. O currículo de São Vicente faz pouco tempo, uns dois anos

mais ou menos, foi atualizado e está voltado para o campo jornalístico midiático. Pessoalmente ficou mais difícil trabalhar com algo fora de livros, pois, tanto eu como a escola não possuímos recursos, ferramentas para que o aluno vivencie tais linguagens (...). As escolas sempre proibiram o uso do celular na sala de aula. (...) Porém, com essa abertura que teve por causa da pandemia de fazer um uso mais pedagógico do celular pode ter criado, só vai se saber quando a gente tiver no presencial e tiver usando o celular, pode ter criado uma nova mentalidade nos alunos, mas a gente só vai saber ali na prática. Tanto para o professor que agora sabe que sem o celular não teria aula, como para o aluno que pode perceber o quanto o celular pode ser útil pra ele aprender. Mas não vai adiantar se só tiver o celular, precisa ter internet, banda larga nas escolas.

Ao analisar as narrativas das quatro educadoras, é possível perceber em suas falas que são oportunizadas aos alunos formas diversificadas para trabalhar a linguagem, seja na produção escrita utilizando computadores, seja pelo acesso a textos em aplicativos e ferramentas digitais, seja pela leitura digital de textos, pelo uso de celulares e mesmo pelo manuseio de livros didáticos.

Desse modo, todas as educadoras procuram desenvolver um trabalho a partir das práticas culturais dos seus alunos. Elas destacaram, ainda, algumas dificuldades para ampliar as práticas de linguagem nessa perspectiva, como o nível de necessidade de aprendizagem dos alunos e a falta de recursos e infraestrutura tecnológica nas escolas onde trabalham.

Por fim, as educadoras expuseram seus entendimentos quanto ao papel do educador no contexto contemporâneo, como é possível analisar nos trechos das narrativas:

#### Educadora I (UE-01)

O papel do professor no cenário atual talvez seja tão ou mais multifacetado do que em tempos de pré-pandemia. Parece-me que em tempos de pandemia e isolamento social o papel do professor vai além do pedagógico, algumas vezes assumimos o papel de ouvinte, de ligação entre a escola, enquanto instituição, e o aluno cujo acesso à escola parece necessariamente passar pelo professor. Num processo educativo à distância, o professor por vezes assume um papel social de interação, a tecnologia não substituiu a necessidade do contato “físico” e de interação entre os estudantes ou entre estes e o docente, por consequência, nas aulas on-line, nos encontros virtuais, os alunos demonstram seu desejo de conversar, de interagir, de falar com o colega de aula, de fazer amizades, de ouvir e de se manifestar sobre a explicação do

professor ou simplesmente têm a necessidade de demonstrar sua saudade da escola, das aulas. Assumimos como professores um papel de intermediação, ora em relação às pessoas, à gestão escolar, aos pais, aos alunos e responsáveis, ora entre o conhecimento e nossos alunos. Nunca foi tão necessário aos alunos serem capazes de aprender a aprender, de serem dia a dia mais autônomos e talvez justamente por isso o papel do professor tenha sido reforçado nessa pandemia. Há situações das mais diversas, desde aquela em que se fazem necessárias quase que aulas particulares para que o aluno possa compreender determinados temas/assuntos de modo a seguir adiante na sua atividade, desde situações em que só nos resta ouvir o aluno ou aluna que está em casa sozinho, cuidando de um adulto diagnosticado com Covid-19, e a dúvida não é sobre a lição, é sobre a vida. Como disse a tecnologia não substituiu o professor nessa pandemia, ao contrário, ainda que com o uso de ferramentas tecnológicas, o que ficou em evidência foi a importância do professor como ser humano, multifacetado, com múltiplas competências para atender um aluno que já não está mais no banco da escola, fisicamente falando, estamos atendendo nossos alunos fora do contexto de sala de aula, e nesse contexto, por vezes, eles estão ou parecem estar, mesmo diante de um mundo tecnologicamente imenso a sua frente, um pouco perdidos, o que nos exige um direcionamento. Outras vezes, como professores, nos vemos na situação de atender alguns alunos ainda que precariamente, para tentar intermediar um processo de aprendizagem minimamente eficaz, pois esses alunos ou responsáveis não tem o mínimo para acesso on-line de qualquer atividade educativa/de aprendizagem. Nesses casos, sinto-me mais triste, de certa forma impotente como professora cujo papel foi ineficaz, porque para esses alunos os efeitos da pandemia podem ser ainda mais trágicos do que aqueles que as desigualdades social e educacional do país já causavam.

#### Educadora II (UE – 02; UE – 03)

Hoje o professor não é só mais aquela pessoa que se restringe à educação formal, ele precisa fazer a parte da família, precisa ser um conselheiro, muitas vezes ele precisa ser o amigo, o psicólogo, ele é quem vai ensinar valores, ele precisa ser multifunções. Ele não está mais ali só como mediador do conhecimento formal, do conhecimento acadêmico. Não é só fazer a ponte entre, no nosso caso, os conhecimentos da língua portuguesa com o cotidiano do aluno, de como ele vai usar aquilo. O professor precisa demonstrar que é um ser humano que lida com outro ser humano e que entende os anseios do outro, que entende que o outro tem problemas. E ele está ali e muitas vezes vai precisar parar a aula dele pra falar de assuntos que pode parecer que não tem nada a ver com a aula, mas ele tá ensinando e educando, ele vai falar de coisas que

deveriam ser faladas pela família e a família não fala. Ele vai dar toques sobre o mundo, como a vida funciona pra tentar mostrar como pode ser menos difícil ou como o aluno pode fazer esse trajeto de uma maneira mais correta enquanto cidadão de bem que pretende construir uma sociedade melhor pra ele e pra uma geração próxima.

Educadora III (UE – 04)

É trabalhar a conscientização, fazer esse menino pensar. Eu acho que o aluno hoje precisa aprender... na verdade, nós não ensinamos a pensar, mas nós os guiamos para os primeiros passos nessa construção de conhecimento.

Educadora IV (UE – 05; UE – 06)

(...) O cidadão com o título professor, na minha opinião, precisa estar de mente aberta. Este termo me ajuda a interpretar a sala de aula de uma maneira menos pesada. No geral, o papel do docente é ensinar, orientar e esclarecer questões relacionadas ao aprendizado escolar. Mas como a sociedade é complexa, cabe ao professor também tratar de questões mais abrangentes, como orientação psicológica, diagnosticar distúrbios, acompanhamento familiar etc. Hoje em dia, o professor está inserido numa sociedade ainda mais tecnológica e digital. Tornou-se essencial esse profissional inteirar-se de novas metodologias, conhecimentos em aplicativos e possuir equipamentos apropriados para seu aprimoramento e desempenho. Os currículos e matrizes foram igualmente atualizados e a nova demanda é para que o docente domine ou passe a ter conhecimento suficiente das TIC e possibilite um aprendizado ainda mais significativo e qualitativo para o aluno. Posso resumir que, ao meu ver, o papel do professor é se aprimorar em conhecimentos e práticas incentivadoras para que o aluno consiga ter um aprendizado significativo e com qualidade.

Portanto, as narrativas refletem professoras que têm consciência da sua função social e que sabem que estão lidando com um ser em transformação e, numa perspectiva cognitiva, cabe ao docente colaborar pedagogicamente para que o aluno se torne cada vez mais autônomo e protagonista do seu aprendizado. As mudanças decorrentes da contemporaneidade devem levar os educadores a compreender e reconstruir os significados de sua prática e a refletir sobre o seu papel frente às necessidades dos alunos e, assim, reinventar e ressignificar seu fazer pedagógico para estar em constante apropriação de novos saberes.



## **Considerações finais**

O ensino de Língua Portuguesa para os Anos Finais do Ensino Fundamental sofreu muitas transformações desde que a língua foi trazida pelos portugueses para o Brasil no século XVI até os dias atuais. Além das mudanças que ocorrem de ordem fonética, morfológica e sintática com as línguas, a maneira de ensinar o idioma também foi muito modificada com o passar dos séculos.

É preciso admitir que, ao mesmo tempo em que a cultura digital apresenta oportunidades de aprendizagem, sobretudo no que diz respeito à leitura e à escrita, ela também representa desafios a serem superados pelas redes públicas de ensino e pelos professores. Pois, ser professor nesse cenário exige, dentre outras coisas, uma prática educativa voltada para uma práxis que adote metodologias inovadoras capazes de conduzir os alunos a uma aprendizagem mais relevante ao seu tempo.

A escola precisa, assim, reavaliar suas ações e processos pedagógicos que se situem na esfera das novas demandas sociais. Nesse caso, as tecnologias digitais estão no centro de um cenário de profunda mudança no contexto social. No pensamento de Freire (1996, p. 23), salienta-se que para uma prática educativa crítica faz-se necessária uma reflexão sobre o fazer docente, como também o respeito aos saberes dos educandos na construção de uma prática que os contemple. Nessa perspectiva, o diálogo é o fundamento de uma educação problematizadora e o princípio da atitude pedagógica que coloca o docente como mediador entre o sujeito e o contexto sociocultural, entre o sujeito e a realidade. Uma relação dialógica humanizadora composta por ação e reflexão, fundada no amor, na humildade e no próprio reconhecimento do docente quanto às dificuldades do processo e à importância da sua missão. Nesse sentido, as narrativas mostram educadoras cientes da relevância do seu trabalho para a vida dos alunos e para a sociedade.

## REFERÊNCIAS

BRITO, G. S.; FOFONCA, E. Metodologias Pedagógicas Inovadoras e Educação Híbrida: para pensar a construção ativa de perfis de curadores de conhecimento. *In*: FOFONCA, E. *et al.* (org.). **Metodologias Pedagógicas Inovadoras**: contextos da Educação Básica e da Educação Superior. 1. ed. Curitiba: Editora IFPR, 2018. v. 1, p. 12-24.

CRESWELL, J. W. **Investigação Qualitativa e Projeto de Pesquisa**: escolhendo entre cinco abordagens. 3. ed. Porto Alegre: Penso, 2014.

FOFONCA, E. **Entre as práticas de (multi)letramento e os processos de aprendizagem ubíqua da cultura digital**: as percepções estéticas de educadores das linguagens. 2015. 190 f. Tese (Doutorado em Educação, Arte e História da Cultura) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2015.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GATTI, B. A. Educação, escola e formação de professores: políticas e impasses. **Educar em Revista**, Curitiba, n. 50, p. 51-67, out./dez. 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/er/a/MXXDfbw5fnMPBQFR6v8CD5x/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 20 out. 2019.

KAELLE, J. M. B.; FOFONCA, E. Apropriação dos multiletramentos pela BNCC: perspectivas para uma educação do século XXI. *In*: FOFONCA, E.; CAMAS, N. P. V. (org.). **Dos letramentos aos multiletramentos**: percursos históricos e práticas escolares na cultura digital. Rio de Janeiro: BG Business Graphics, 2021. p. 12-26.

KATO, M. **No mundo da escrita**: uma perspectiva psicolinguística. São Paulo: Martins Fontes, 1986.

LÉVY, P. **A Máquina Universo**: criação, cognição e cultura. Porto Alegre: Ed. Artes Médicas, 1998 [1987].

LÉVY, P. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

PORTO, T. M. E. As tecnologias estão nas escolas. E agora, o que fazer com elas?. *In*: FANTIN, M.; RIVOLTELLA, P. C. (org.). **Cultura digital e escola**: pesquisa e formação de professores. Campinas: Papirus, 2013. p. 167-194.

ROJO, R.; **Multiletramentos na escola**. *In*: ROJO, R.; MOURA, E. (org.). São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

SOARES, M. **Letramento**: um tema em três gêneros. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

TFOUNI, L. M.V. **Adultos não alfabetizados**: o avesso do avesso. Campinas, SP: Pontes, 1988.

### ***CRedit Author Statement***

---

**Reconhecimentos:** Não aplicável.

**Financiamento:** Não aplicável.

**Conflitos de interesse:** Não há conflitos de interesse.

**Aprovação ética:** O trabalho respeitou as normas institucionais e éticas de pesquisa.

**Disponibilidade de dados e material:** Os dados e materiais utilizados estão on-line para livre acesso.

**Contribuições dos autores:** Todos os autores contribuíram para o tecer do texto e as várias revisões realizadas.

---

**Processamento e editoração: Editora Ibero-Americana de Educação.**  
Revisão, formatação, normalização e tradução.

